

LINGUASAGEM

APRESENTAÇÃO – NÚMERO TEMÁTICO *DESCRIÇÃO, ANÁLISE E PROCESSAMENTO DE LÍNGUAS NATURAIS*

Neste 49º volume da revista *Linguasagem* - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem - temos a satisfação de apresentar um número especial, com trabalhos vinculados a estudantes e professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (PPGL/UFSCar), da linha *Descrição, Análise e Processamento de Língua Naturais (DAP)*, sobre teorias da linguagem, descrição e explicação de fenômenos linguísticos e suas metodologias de coleta e análise de dados.

Participam desse volume pesquisadores, professores e estudantes da pós-graduação, de diferentes vertentes teóricas da linguística, preocupados tanto com o desenvolvimento de pesquisas nessa área, quanto com a divulgação desse conhecimento e seu consequente impacto na produção científica contemporânea.

Para abrir este volume temático, convidamos Roberto Gomes Camacho, pesquisador e professor do PPGET (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Unesp de São José do Rio Preto), que nos brinda com um ensaio em que analisa como a teoria da linguagem passou, ao longo de seu desenvolvimento como ciência, a discutir não só aspectos formais, mas também aspectos sociais da situação interacional, caminhando de uma linguística formalista, que não cedeu espaço às novas tendências teóricas vindouras, para uma linguística de ordem social, em que o protagonista é o sujeito e suas variáveis. O pesquisador, em uma releitura de sua palestra de abertura em um evento em homenagem a Carlos Alberto Faraco, ocorrido na UEM (universidade Estadual de Maringá), em 2024, apresenta a sociolinguística como uma das tendências teóricas mais alinhadas com essa abertura para as relações sociais e examina, nesse âmbito historiográfico, apoiando-se em Eckert (2005, 2008, 2012), identificações mais recentes da variação com práticas sociais e estilísticas, mostrando que esse movimento permitiu superar análises baseadas apenas em categorias primárias, pré-estabelecidas, de natureza social, e alcançar análises com foco nas práticas discursivas.

O segundo estudo do dossiê, de autoria de Adriano Lopes Rodrigues, analisa itens exclusivos do PB, tais como: ‘só’, ‘apenas’, ‘exceto’, ‘simplesmente’, a partir da *Teoria de Máximos e Mínimos* de Coppock e Beaver (2013) e da *Teoria Morfossemântica* de Wiegand (2018); ambas tendo como objeto de estudo os exclusivos da língua inglesa, em especial as partículas *just* e *only*. O artigo propõe que os exclusivos do português também se enquadram nos dois modelos teóricos apresentados e podem ser classificados em dois grupos distintos: Exclusivos de Focalização, que delimitam e/ou excluem elementos de um conjunto maior em que estão inseridos (como é o caso de ‘só’ e ‘apenas’), e Exclusivos de Negação, que têm como foco a contraposição de dois conjuntos, com uma relação de negação entre eles (como é o caso de ‘exceto’). O autor aponta ainda para a existência de exclusivos com caráter especial, chamados por Beltrama (2021) de exclusivos enfáticos (EE), que atuam na delimitação de alternativas dentro de seu escopo (o item *just* em inglês e ‘simplesmente’ em PB).

Na sequência do volume, Ana Carolina de Sousa Araújo e Elisa Anju Lardapide analisam aspectos semânticos da distributividade, da coletividade e da comitatividade no Português Brasileiro (PB). Neste artigo, as autoras trazem exemplos que ilustram o comportamento desses fenômenos no PB, destacando diferenças e similaridades, e apresentam uma breve discussão sobre os itens ‘sozinho’ e ‘junto(s)’, a partir de Basso e Rodrigues (2024) e de Basso e Araújo (2024), em que esses itens são classificados, respectivamente, como modificadores de anticomitatividade e antidistributividade. As autoras propõem, ao final, uma análise de sentenças que combinam os itens ‘junto(s)’ e ‘sozinho(s)’, de forma a descrever a (in)compatibilidade de interpretações antidistributivas e anticomitativas.

O quarto artigo deste número, de autoria de Carolina Peternela Colosso, investiga o conceito de mentira no português brasileiro a partir de uma perspectiva baseada em protótipos. Nele, argumenta-se que a mentira não consiste em um conceito fixo, mas, sim, um fenômeno gradual e influenciado por fatores linguísticos e culturais. Para testar tal pressuposto, a autora propõe, então, a aplicação de um experimento metodologicamente baseado no trabalho seminal de Coleman e Kay (1981), a fim de analisar quais são os elementos que compõem o protótipo de *mentira* para os falantes da língua. Ao comparar os resultados obtidos com estudos anteriores, o artigo demonstra como a hierarquia dos traços que definem a mentira difere entre as línguas, reforçando a complexidade do fenômeno e a importância de investigações empírico-experimentais acerca do tema.

Em seguida, o trabalho de Giovana Costa Silva analisa o funcionamento linguístico de pejorativos derivados de nomes de animais no português brasileiro contemporâneo. Baseando-se na teoria dos estereótipos proposta por Saab e Orlando (2020) e de uma abordagem semântica multidimensional, que engloba significados uso-condicionais e vericondicionais, a autora propõe uma categorização desses termos em três grupos: (i) ofensas, como ‘anta’ e ‘burro’; (ii) injúrias, como ‘baleia’ e ‘macaco’; e (iii) injúrias de gênero, como ‘piranha’ e ‘cadela’. O estudo discute como cada categoria reflete estereótipos sociais distintos e apresenta comportamentos linguísticos específicos, defendendo que a noção de estereótipo pode ser considerada uma poderosa ferramenta analítica para a compreensão do funcionamento dessas expressões.

Por sua vez, o artigo de Amanda de Lira Santos e Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale busca investigar orações insubordinadas introduzidas pelos conectivos ‘nem que’ e ‘nem se’ no português brasileiro. Tomando como princípio o conceito de insubordinação de Evans (2007) e os parâmetros de condicionalidade de Dancygier (1998), a pesquisa investiga construções que, mesmo possuindo marcas formais de subordinação, não se articulam sintaticamente a uma oração nuclear. A partir de dados extraídos do Corpus do Português, a análise qualitativa revela diferenças entre os dois conectivos, especialmente no que diz respeito ao emprego de tempos verbais específicos e à manutenção dos parâmetros de condicionalidade. Além disso, demonstra a convencionalização dessas construções para a expressão de funções pragmáticas, tais como avaliações emocionais positivas e negativas

O artigo de Daniel William Ferreira de Camargo e Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale discute o estatuto das expressões ‘só que nunca’ e ‘só que sim’ através da Gramática de Construções (GC), considerando ambas como portadoras de caráter irônico. Os autores entendem que a primeira expressão, ainda que carregue a força da negação advinda do item ‘nunca’, não é concebida como uma forma impolida. Pelo contrário, na medida em que esse tipo de construção enfatiza a negação, também a deixa mais polida. No caso da expressão ‘só que sim’, ao invés da negação, observa-se a reiteração do conteúdo anteriormente apresentado. Para a análise do funcionamento das expressões [só que X], utilizaram o Corpus do Português (Davies, 2016), no qual encontraram 160 ocorrências no total. Afinal, os autores defendem que construções do gênero podem ser reconhecidas como ironias constitucionais, dado que seu funcionamento se dá por seu sentido irônico, e não pelo seu sentido literal.

Valéria Vieira dos Santos e Joceli Catarina Stassi-Sé refletem, em seu artigo, sobre o papel de técnicas associadas ao Processamento de Línguas Naturais (PLN) na implementação de iniciativas de preservação e revitalização linguística. Destacam a grande quantidade de línguas em risco de extinção frente à grande homogeneidade linguística atual: estima-se que quase toda a população mundial fala línguas que constituem apenas 4% do total das línguas existentes, de modo que todas as outras milhares de línguas sejam faladas por um número diminuto de falantes. As autoras ressaltam o estreito laço entre língua e cultura e a importância de sua consideração para o uso de tecnologias de PLN. Defendem a participação dos membros das comunidades nos processos de documentação e de revitalização, garantindo, através da preservação linguística, a sua autonomia e a sua capacidade de autodeterminação (Pinhanez *et al.*, 2024). As autoras também discorrem sobre o problema da escassez de dados de línguas minorizadas e, nesse sentido, recomendam que os pesquisadores equilibrem os esforços de elaboração de corpora para PLN com esforços devotados às práticas de documentação mais tradicionais. Ainda sobre a escassez, as autoras apontam o *transfer learning* como uma possível saída. Essa técnica de aprendizado de máquina permite que os modelos reutilizem conhecimentos advindos de tarefas com outros dados – no caso, conhecimentos sobre línguas amplamente descritas podem auxiliar os modelos a lidarem com línguas menos descritas e ameaçadas. Desse modo, argumentam em prol de uma cooperação interdisciplinar com impactos positivos no manutenção da diversidade linguística.

O volume se encerra com o trabalho de Pablo Arantes, Renato Miguel Basso e Gabriel Catani. O texto consiste no conjunto tradução + comentários do texto de Labov (1997) *How I got into linguistics, and what I got out of it*. No original, inicialmente publicado em sua página pessoal no site da UPenn, Labov atende aos reiterados questionamentos sobre sua jornada acadêmica pessoal que, como se sabe, culminou no estabelecimento da Sociolinguística Variacionista. A tradução do texto buscou manter a fidelidade ao tom original da publicação: um texto com um caráter mais informal e narrativo – interessante não apenas para conhecedores de sua obra e legado, mas também para estudantes em seus primeiros contatos com a Sociolinguística. Nesse sentido, a redação das notas de tradução e dos comentários no texto buscam auxiliar o leitor na contextualização das ideias tratadas pelo autor da obra. A tradução comentada traz minibiografias das personagens citadas no texto, explica eventos referidos por Labov e tenta explicitar críticas e comentários teóricos que o autor faz no texto de modo mais coloquial.

Por fim, os textos que foram reunidos nesse volume especial da revista *Linguasagem* convidam os leitores a mergulharem nas diferentes áreas da Linguística e a conhecerem como a pesquisa de uma linha como a de *Descrição, Análise e Processamento de Língua Naturais (DAP)* cuida de se relacionar com o que a contemporaneidade traz como demanda.

Em tempos de resistência e de comemoração aos vinte anos do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, esperamos que as reflexões levantadas neste número tragam aos leitores um panorama multifacetado e repleto de inspiração para novos rumos e estudos em teoria, descrição e análise da linguagem.

Joceli Catarina Stassi-Sé
Livia Oliveira Azevedo
Gabriel Catani